



Memórias de Casa

DE CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO

Memórias de Cura

DE CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO

INTRODUÇÃO

QUE LIVRO É ESSE..... 03

PREFÁCIO

CHÁ DE GUACO..... 04

GUIADA PELA ANCESTRALIDADE..... 08

TRÊS MENINAS

JARDIM DE DONA PALMIRA..... 14

DEDOS ENTRELAÇADOS DE TIA INES..... 29

MÉMORIA CENTENARIA DONA LOURDES..... 41

FARMÁCIA VIVA

VISITA..... 59

VOLUNTÁRIOS..... 73

ZITA..... 79

IZABEL..... 82

RELATOS DE CURA

JUNIOR..... 89

CLAUDIO..... 94

CARLA..... 100

TRÊS MULHERES

RITO DA LUA..... 107

DEBAIXO DA MANGUEIRA..... 108

CONCEIÇÃO..... 111

GILDA..... 114

MAGDALENA..... 116

MÃOS SAGRADAS..... 122

MINHA VOZ

MAGDALENA..... 130

SEMENTE DE PAINEIRA..... 133

NÃO É O FIM

VISITA GUIADA..... 138

ESTE LIVRO..... 139

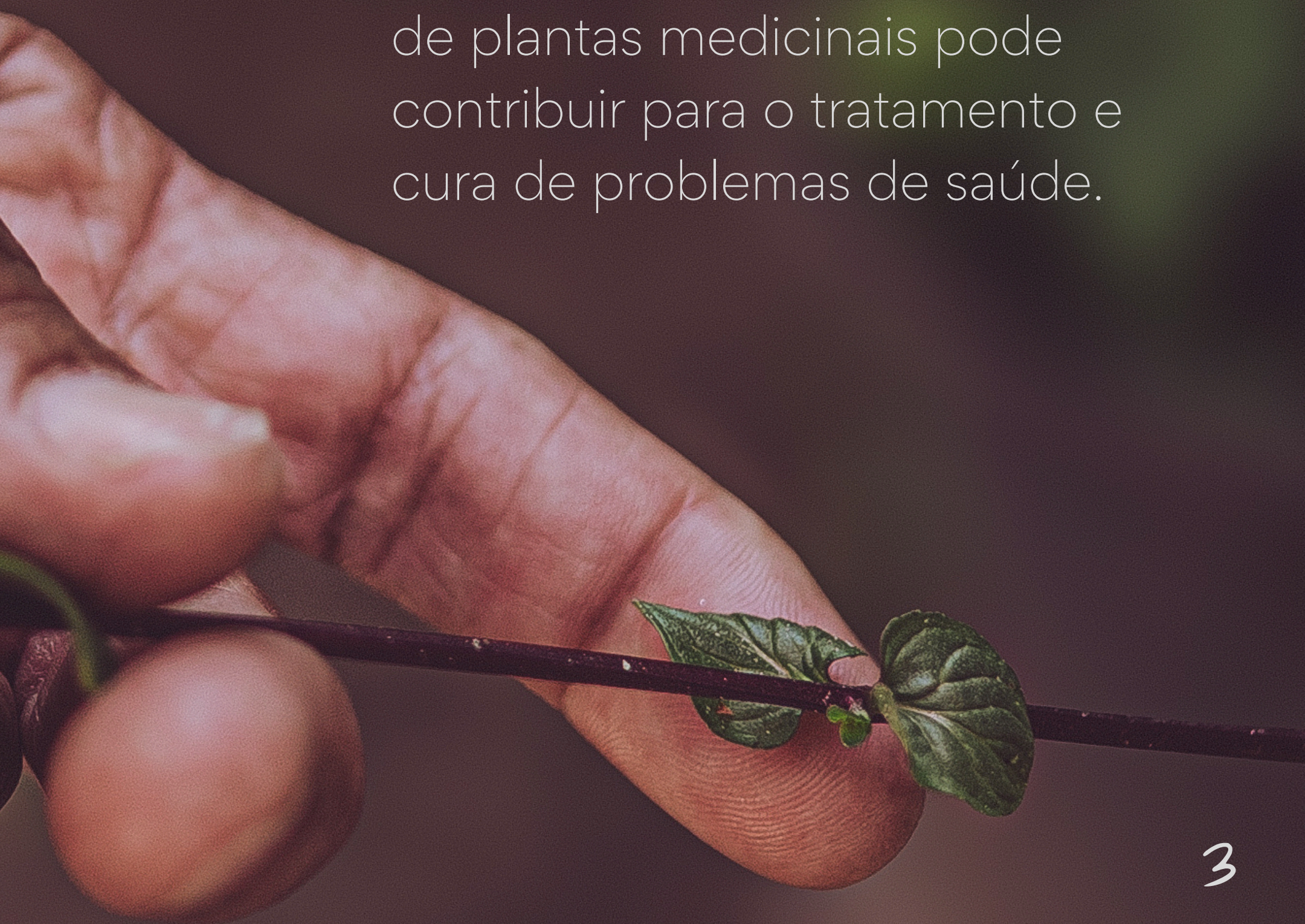
INSTITUTO IPES..... 140

METSO..... 141

Que livro é esse?

Em uma narrativa orgânica, com trechos de conversas, fotografias e relatos de cura, o livro reúne histórias de personagens importantes de Conceição do Mato Dentro, que ajudaram a transformar a Farmácia Viva em **patrimônio cultural imaterial** da cidade.

Cada página tem o desejo de mostrar a importância desse projeto e como o conhecimento ancestral no uso de plantas medicinais pode contribuir para o tratamento e cura de problemas de saúde.



Textos de Carolina Lopes
Fotos de **Ricardo Ghion**

CHÁ DE *Guaco*

- **Toma esse chá de guaco que vai ajudar a passar essa tosse** - era o que dizia minha avó Catharina, quando eu chegava na casa dela tossindo sem parar. Aliás, xarope de guaco. Sempre tinha uma garrafa na porta da geladeira.

Prefácio

Um santo remédio que além de doce e cheiroso, fazia a tosse ir realmente embora. Guaco, melado de cana e afeto, uma mistura de carinho que só as avós conseguem preparar.

Resgatar esta memória foi o primeiro passo para eu iniciar uma viagem à cidade de Conceição do Mato Dentro no interior de Minas Gerais, onde fui conhecer a história do projeto “Mulheres do Santuário - a cura pela natureza” - que une sabedoria ancestral, ciência e fé.

Essa iniciativa conquistou meu coração e comecei a buscar mais informações para entender como poderíamos ajudar dentro de um programa de relacionamento entre empresas, e ainda, como poderíamos ir além.

Para contar como tudo começou, fomos convidados para entrar na casa de **Dona Palmira, Tia Inês e Dona Lourdes**, personagens importantes para esta história.

Prefácio

Elas guardam em suas memórias, conhecimentos preciosos sobre plantas medicinais, transmitido de geração para geração, e fatos importantes que ajudaram na construção desta tradição.

Depois vamos conhecer de perto o trabalho realizado na Farmácia Viva que, desde a preparação das plantas, atendimento e entrega dos chás, oferece com generosidade, um acolhimento especial a todos que precisam. Também teremos relatos de pessoas que foram curadas e que tiveram uma melhora na qualidade de vida.

Do mesmo jeito que começamos, com três mulheres, vamos conhecer

Conceição, Gilda e Magdalena, que lutam para manter os atendimentos e o projeto vivo.

São elas que hoje, capacitam novas pessoas, inspiram novos voluntários e protagonizam esta história.

Prefácio

Em uma narrativa orgânica, reuniremos fatos, recortes de conversas e fotografias que transpiram sentimentos. Tudo isso para documentar e levar, a quem se interessar, uma história que além de preservar a tradição de um lugar, resgata o modo de vida simples e natural.

Mulheres do Santuário - a cura pela natureza foi idealizado pelo Instituto IPES, faz parte da cartilha de sustentabilidade da Anglo American e tem o apoio da Metso. As visitas que contamos por aqui, registram a importância do resgate dos nossos saberes ancestrais e valorizam a cultura local.

Que as histórias contadas , possam tocar seu coração, trazer de volta memórias afetivas e principalmente, servir de inspiração pela busca do equilíbrio presente na natureza.

Cum Deus.

Carolina Lopes



Guiada

PELA ANCESTRALIDADE

PREFÁCIO
POR ALINE PIRES

Prefácio

Desde muito cedo aprendi o **poder das ervas** e das rezas, não que eu tivesse despertado algum interesse pelo assunto, mas porque isto era natural, estava presente no meu repertório de vida, na minha ancestralidade,

Minha vó Mariquita era benzedeira, curava com as mãos, “Está com dor de barriga, dor de cabeça, pede à “vó” para colocar a mão, que passa.” E passava mesmo.

Para gripe, escalda pés, xarope e inalação com folha de eucalipto. O feijão era enriquecido com pó de folha de mandioca, para não ter anemia. O bolo levava pó de casca de ovo junto à farinha de trigo para fortalecer os ossos.

Os alimentos, a maioria vinha das roças e quintais da cidade, pouca coisa vinha do supermercado, e eram aproveitados ao máximo.

Sementes de abóbora para desparasitar, casca de banana na farofa, suco da casca de abacaxi.

Prefácio

No almoço tinha mandioca, taioba, orapronobis, chuchu. **A frutas, as que estavam no quintal** - jabuticaba, goiaba, araçá, laranja, manga. Essas coisas nutritivas eram facilmente encontradas nos quintais das casas de interior.

A nossa relação com a natureza era muito íntima, as plantas eram comida, remédios, proteção e limpeza energética, quando precisava de um banho de descarrego ou uma benzeção.

A diversão era brincar nos quintais, subir em árvores, nadar nos poços e cachoeiras dos balneários próximos à cidade. **Era brincar na rua.** Nas férias, ir pra roça, andar à cavalo, brincar na terra, guerrinha com esterco de vaca, ouvir histórias sentada na beira do fogão à lenha.

O tempo foi passando, de repente, me dei conta que esta relação com a natureza que eu sempre tive, que era tão natural, deixou de ser para a maioria das pessoas.

Perceber que estamos vivendo em um mundo doente e que nós estamos assim por falta de natureza, por não aceitarmos a nossa natureza, passou a me incomodar muito.

Profundamente sensibilizados com esta realidade e, buscando oferecer aos nossos filhos, Pedro e Paulo, uma infância de mais contato com a natureza, meu companheiro, Helge, e eu, decidimos fundar o **Instituto de Permacultura e Educação para Sustentabilidade.**

O IPES é um espaço que busca ensinar as pessoas a cuidar da natureza e a utilizar da natureza para se curar.

Tendo me enveredado para esta luta pelo **desenvolvimento sustentável e pela reconexão das pessoas com a natureza.** Brotou em meu coração o desejo de ajudar a manter e ampliar a “Medicina Alternativa”.

Prefácio

Um tema que embora eu sempre respeitasse e achasse importante, eu nunca tinha me dedicado. Era um conhecimento que minha mãe Magdalena, minha Tia Beatriz e minha irmã Alana tinham, e eu apenas me “consultava” com elas. Mas, ouvi o **chamado não sei do universo ou da minha ancestralidade** para contribuir com este trabalho e aqui estou contando esta história.

Foto:
Aline e Tia Inês
durante a entrevista



AS TRÊS MENINAS

NESTE CAPÍTULO VOCÊ VAI
CONHECER A HISTÓRIA DE
TRÊS MULHERES QUE
PARTICIPARAM DA
CRIAÇÃO DA FARMÁCIA
VIVA.

REPRESENTAM OUTRAS QUE
ESTIVERAM PRESENTE
DESDE O PLANTIO E
PREPARAÇÃO DAS ERVAS
ATÉ O ATENDIMENTO ÀS
PESSOAS NO LOCAL.



O JARDIM DE

*Bona
Palmira*

Chegamos em Conceição do Mato Dentro e o encontro é na praça do coreto. Eu - entusiasta da iniciativa, Ricardo Ghion - o fotógrafo escolhido, Thiago Lasmar - produtor de conteúdo, Aline - co-fundadora do IPES e Magdalena - sua mãe, uma das protagonistas desta história e a responsável por organizar os dois dias de visitas.

Na agenda, vamos conhecer Dona Palmira, tia Inês e Dona Lourdes, as anciãs do projeto e depois vamos conhecer a Farmácia Viva e Instituto IPES. Vamos começar na casa de Dona Palmira.

Enquanto descíamos pelos degraus que nos levariam até Dona Palmira, sua filha leda nos acompanhada dando boas vindas e avisando que estava preparando suco de acerola e pão de queijo.

– Já está no forno!

Como resistir ao acolhimento do povo mineiro? Eles usam o sotaque carinhoso para nos pegar.

De longe Dona Palmira observava com curiosidade. Estava no meio de um jardim, onde cada pedacinho revelava seu conhecimento sobre plantas medicinais.

Com um sorriso tímido, nos abraça.

Magdalena faz as apresentações iniciais, nos mostrando um a um. Para tentar quebrar o gelo, falo que aquele dia era especial, que tinha gravador, foto, vídeo e ouvidos, tudo para conhecer a história de uma pessoa muito importante: ela. Dona Palmira ri, enquanto passa a mão no rosto dizendo que não se lembra de muita coisa e que estava velha.

Atenta às câmeras, ela se senta em uma cadeira, colocada estrategicamente bem no meio do jardim, **fazendo dela uma verdadeira rainha, pronta para compartilhar suas memórias.**

Com as mãos repousadas sobre as pernas, ela faz sinal de que está pronta para conversarmos. A medida que contava quem era, onde nasceu, viveu e trabalhou, ficava mais à vontade, e em pouco tempo **lembrava do quanto a roça era importante para ela.**



Seu jeitinho de falar pausado, revelava uma voz que mesmo enfraquecida pelo tempo, ainda guardava a força de uma mulher que viveu uma vida de trabalho na roça. Ali ela tirou o sustento da família, uma lida difícil e ao mesmo tempo prazerosa para quem gosta de mato.

Seus filhos foram criados desta forma, valorizando a terra e respeitando tudo o que a natureza oferecia. Plantava, cultivava e colhia. Depois vendia tudo o que podia na cidade.

Enquanto mostrava que era nas costas que ela levava farinha, mandioca e banana – fechava os olhos para dizer que andava por tudo quanto é canto a pé e não havia distância que a fizesse cansar.

Conhecia todos os lugares de Conceição, era nesse caminho entre a roça e o centro, que tirava fazia sua rotina.

A vida na roça trouxe o conhecimento sobre a natureza. Ela nos contou que tudo o que precisava estava ali, aprendeu na lida, aprendeu com seus pais, seus pais com seus avós e ela ensinava aos filhos. **A roça era sua sobrevivência** e nela precisava buscar, inclusive, os remédios para tratar da saúde quando algo não estava bem.

- De onde vem esses saberes, dona Palmira?

- Não sei, vem de antes. Só sei que quando eu sentia algum incômodo, ia procurar uma plantinha para usar.

Criou seus filhos assim, sem remédio de farmácia. Quando tinham alguma variação de saúde, seja uma gripe ou dor de barriga, ela tinha na roça a erva certa para preparar um chá, uma pomada ou apenas deixar sob a pele para curar.

Dona Palmira, enquanto vendia os produtos que produzia na roça, aproveitava para conversar e compartilhar esses saberes naturais com

quem perguntasse ou tivesse a oportunidade. Em sua jornada diária, de venda em venda, trocava receitas curativas. Nunca fez anotações daquilo que sabia, tudo o que conhecia de plantas medicinais estava na cabeça, fazia uso da oralidade para transmitir seus conhecimentos.

- Dona Palmira **trazia pra cidade um tantão de ervas** que a gente distribuía para todos os amigos que estavam com algum problema de saúde - comenta Magdalena.

Quando a Farmácia Viva foi montada, Dona Palmira por muito tempo foi uma das colaboradoras, levando as plantas medicinais que cultivava em sua horta para serem usadas nos tratamentos.

Além de fornecer as ervas, ela participava da preparação de cada uma delas. Secava e depois cortava, deixando tudo pronto para o armazenamento.



Uma erva
para cada
cura

Enquanto buscava na memória as melhores lembranças do seu trabalho, ela ri, contando que na Farmácia Viva ou na Medicina como boa parte das pessoas conhece, **ela picava, picava e picava durante horas, trabalhando igual formiga**. De uma forma graciosa, levava a mão na boca escondendo o sorriso:

- Eu trazia ervas para usar na medicina, trazia as plantas da roça, levava lá e cortava. Ficava da uma hora até às quatro. Igual formiga.

Quando perguntei quais eram as ervas mais comuns que eram utilizadas na medicina, ela não demorou para lembrar de cada uma delas. Contou que era de tudo um pouco: **alecrim, mamão, caninha do brejo, mulungu, gengibre, guiné, carqueja, erva cidreira, camomila, hortelã, arruda, boldo, erva doce**. Ela sabia a função de cada uma delas, indicava para seus filhos, seu esposo, seus amigos.

- Era o remédio da época. Tinha farmácia, mas a gente tinha a hora em casa. Tinha tudo lá. Dava para meus filhos tudo o que precisava. A comida e a medicina.



Para Dona Palmira conhecer planta é um saber natural, faz parte da sua vida. Ervas podem ajudar a tratar dores, cicatrizar feridas, melhorar da gripe, acabar com a tosse e até mesmo, fazer um banho de descarrego. Esse conhecimento sempre foi compartilhado.

As conversas de porta e janelas, as escutas com atenção, favoreciam que as tradições continuassem apenas pela oralidade, sem precisar anotar, só registrar na memória. Isso também mantinha as relações mais próximas, mais íntimas.

Minha vontade era **passar o dia ouvindo as contações de histórias,** aprendendo e me encantando com aquele jeito doce da Dona Palmira. Infelizmente, fomos surpreendidos pelo tempo. Antes de

encerrar nossa conversa, pedimos à Magdalena para fazer um passeio pelo jardim, nos mostrando as plantas mais importantes que estavam ali.

Depois que Dona Palmira teve que ir embora da roça para morar com a filha, por conta de motivos de saúde, aquele espaço - onde estávamos - serviu para que ela continuasse conectada com o mato, **plantando e colhendo ervas** para contribuir com a Farmácia Viva. E até o último minuto da conversa, Dona Palmira insiste - **eu queria mesmo era ficar na roça.**





Diálogo entre Palmira e Magdalena

- Vamos ver se reconhece, Palmira. Pode ser as de mato, pode ser as que ocê plantô. Qual esse aqui? - Magdalena

mostra uma planta, arranca um pedacinho, cheira e mostra à Palmira. Ela responde:

- Alecrim. Põe um pouquinho de água pra esquentá, um punhado dele e tampa. Bom pra digestão.

E as duas continuam.

- Gengibre. Pra quando tá tossindo, Magdalena.

- Cavaquinha, alfavaca. Se você quiser fazer um tempero, é um ótimo para tempero, não é Palmira?

- Mas também serve pra chá. Chá pra gripe. Caninha do Brejo, pra chá também. Pros rins. Isso aqui é mamão, só usar a folha pro estômago.

- Isso aqui é Guiné, Palmira? Usa pra banho de descarrego?

- É, pra quando tá carregado. Tenho plantado aí. Eu já esqueci tanta coisa, tô vieja, esqueci tudo.

- E isso, Palmira?
- Quebra pedra, pra dor nas cadeiras - solta um sorrisinho
- Pedra no rim, cálculo renal - completa Magdalena e emenda: Salsinha com raiz e tudo, pra quê Palmira?
- Esqueci também.
- Para limpeza de ovário e útero.
- Ah, é... é bom pra mulher. Agora a Magdalena sabe mais que eu.
- Uai, aprendi cocê! E esse?
- Abacate. Folha de abacate pros rins.
- E o caroço para dores, dores de reumatismo, né Palmira? Isso aqui é boldo?
- Não, isso não é boldo não. É salvia. Chá pra gripe também.
- Pra pulmão também?
- É.

O suco de acerola chegava declarando que nossa visita tinha chegado ao fim. E o pão de queijo encerrava de vez qualquer prosa possível.

Nos despedimos de todo aquele acolhimento e partimos para a segunda visita.

Recortes de Dona Palmira

*Eu trabalhei demais na roça,
trazia tudo as plantas,
da roça pra cá,
na cacunda.*

*Andava pra tudo canto.
Vendia farinha, mandioca e banana.
Trazia ervas para usar na medicina,
trazia as plantas da roça,
levava lá e cortava,
da uma hora até às quatro,
Igual formiga.*

*Na roça não tinha remédio.
Quando adoecia era aquilo.
Huuuum, um chá ruim,
um chá amargo,
mas era aquilo que era bão.*

*Fui criada no chá e criei meu filhos
também.
Difícil os filhos irem na farmácia procurar
remédio.
Eles reclamavam “essa folha não é
gostosa não”
Gostosa é a saúde.*



Tia Inês
DEDOS ENTRELAÇADOS

Durante o breve caminho até nossa próxima visita, as histórias de roça de Dona Palmira construía na minha cabeça, um paralelo entre sabedoria ancestral e ciência contemporânea.

Sobe e desce ladeira, chegamos na casa da tia Inês. Qual história nos espera?

Tia Inês, se aproxima, um sorrisinho curioso que combina com seu cabelo em formato de pitotinho no topo da cabeça.

Parecia um rosto familiar. Ah, claro. Já tinha visto um vídeo onde ela conta parte de história, fala a **importância de manter a tradição da farmácia viva** e de como o trabalho tinha ajudado tanta gente. Também foi ela quem deu boas vindas ao primeiro curso de Bioenergética, organizado e promovido pelo Instituto IPES e que apoiamos.

Nossa conversa estava animada, também pudera, a sala estava cheia. Mantive a mesma estratégia com Tia Inês, fui logo avisando que tudo aquilo: gravador, fotos,

vídeos e entrevista era especialmente para ela, para aproveitar aquele momento e nos contar tudo.

Nascida em Sete Barras, nossa personagem foi estudar em Conceição quando estava quarta série, ficou até os 22 anos, passou um tempo com o irmão em Brasília e depois voltou para a cidade, **onde trabalhou como catequista de 1987** até pouco tempo - sabia que ela tinha algo de professora.

Tia Inês conta que quando trabalhava na pastoral da criança teve a notícia sobre o curso de bionergia. Trazido pelo padre, seria gratuito e os interessados poderiam participar. **Atenta a como o método poderia ajudar em seus trabalhos com a comunidade, avisou que iria fazer.**

- Você conhece, né, bioenergética?

Pergunta de forma direta e reta, apontando os dedos para mim. Por um segundo achei que estava em uma prova oral: quem foram os quatro evangelistas?



Explico que ainda estava conhecendo, que tinha estudado um pouco para me preparar para as entrevistas. E ela continua explicando.

- Dois a dois, tem que ser de dupla. Você faz um elo com os dedos e seu parceiro puxa tentando abrir, até que uma hora abre. Hoje vocês usam aquele pêndulo mas antes a gente fazia só com os dedos e só quando abria é que - faz uma pausa e continua - você vai ver como é.

Ela faz sinal, convidando Aline para mais perto. Agora, com sua parceira, ela demonstra como os dedos se entrelaçam e explica que se não abrir, aquela planta não serve para a pessoa, se abrir, é boa.

Essa parte da técnica é a que desperta mais curiosidade, por isso acabei insistindo para ela me contar mais sobre os elos, os dedos e como isso é interessante para o atendimento, inclusive para quem vê pela primeira vez.

Dona Inês conta que **quando começaram os atendimentos na Farmácia Viva**, elas atendiam até mais de uma vez na semana, que trabalhavam de acordo com a necessidade da comunidade.

Ela tinha uma dupla no atendimento - aqui vou transcrever exatamente como ela nos contou para ilustrar como uma pessoa do interior descreve outra:

- Eu fazia dupla com um menino, não sei se você chegou a conhecer ou ouvir falar, o Vanderson, ele é sobrinho, deixa eu lembrar, parente da Dosha, filho do Rito, o menino era filho do Rito. **Tinha dias que a gente atendia uma quantidade de pessoas que dava para cansar.**

Ali eu já sabia quem era Vanderson, Dosha e Rito.

Mas voltando a história, nesta época, eles chegavam a atender mais de vinte pessoas por dia, considerando que a quantidade ideal é de cinco. Com esse número é possível entender porque ela disse que era uma **quantidade que dava para cansar**. Podemos chamar isso de generosidade.

- Pessoal tava lá esperando, ia falar que não dava para atender? Estavam precisando, a gente podia sacrificar um pouquinho mais.





Infelizmente a dupla que dona Inês fazia o atendimento, o filho do Rito - o menino Vanderson - acabou morrendo mas mesmo assim, ela continuou trabalhando por uns bons anos. No total, quinze anos de atendimento voluntário com a comunidade.

Ela nos conta que muita gente que passou por lá nem conhecia nada de planta. **Passou a conhecer e aprendia até a plantar.**

- Chegava gente muito doente. Teve até um caso, um amigo de Vanderson que estava de cama, não conseguia fazer nada, nem os exames que precisava.



Tivemos que atender ele na casa, fizemos os tratamentos com os chás e ele sarou. Está vivo até hoje. Quer dizer, não sei se está vivo, nenhum familiar veio me falar nada. Faz tempo que não sei dele, mas sarou.

Esse jeitinho da tia Inês, **essa coerência de apenas falar apenas o que tem certeza é o que deixa ela encantadora.** Ela demonstrou muita felicidade por estarmos fazendo um esforço em contar essa história. Nem sei se comentei com ela que nem de longe é um esforço. Documentar esse projeto só tem trazido alegria a todos nós.

Para nossa querida catequista, quando algo dá certo, é preciso continuar. **O desejo é que essa técnica continue sendo trabalhada na farmácia viva** e também em outros locais, principalmente porque hoje em dia, adicionando as palavras dela mesmo, com o avanço dos estudos da medicina alternativa, as pessoas têm ainda mais chance de melhorar.

Tia Inês contou queria muito ter sido instrutora desta primeira capacitação que aconteceu para novas pessoas conhecerem a técnica. Devido a pouca mobilidade, preferiu acompanhar de longe, enviando informações e dicas à distância, como fez no vídeo de boas vindas.

Acredito que tenha sido, mais uma vez, pouco tempo para reunir o conhecimento que Tia Inês tinha sobre o método bioenergético e sua aplicação.

Principalmente sobre as curas e como esse trabalho fazia ela se sentir mais viva. Uma pena que as conversas precisaram ter sido resumidas em um breve bate papo, mas isso também dá uma vontade de voltar, ouvir mais, participar mais.

Na hora da despedida, uma foto com sua filha e neto, e todos nós que estávamos lá na jornada em busca das memórias vivas deste projeto.



"Atendia
um tanto
de gente
que dava
para
cansar"



Dona Lourdes

MEMÓRIAS CENTENÁRIAS



XAROPE DE CIPÓ DE SÃO JOÃO, ANGIN E 12 ERVAS, para curar desde vitiligo até males do pulmão. Antes mesmo de entrarmos na casa da Dona Lourdes, soubemos que ela é conhecida como xaropeira. E ela faz gosto de contar os inúmeros casos onde seus xaropes foram essenciais para tratamentos, principalmente de crianças com problemas respiratórios.

Em uma das ruas mais movimentadas da cidade, mora dona Lourdes com sua filha. No tempo entre subir as escadas e entrar

na sala principal, os barulhos dos carros iam ficando para trás, dando lugar para as vozes com sotaque mineiro que na primeira palavra já traz todo o acolhimento que esperamos.

- Entra, senta aqui.

Uma mulher de aparência forte, expressão séria, olhos doces e com muita propriedade em sua fala. Sentamos em sua mesa de jantar, ela na ponta como uma boa matriarca e nós um pouco mais distante para dar espaço para uma aproximação mais natural enquanto conversávamos.

Durante mais de vinte anos, Dona Lourdes ofereceu seus xaropes para pessoas que buscavam se curar de alguma enfermidade. Iniciou a conversa falando firme, explicando que fazê-los não era algo simples, envolvia tempo, respeito ao processo de plantio, colheita e seguir corretamente todas etapas de cada ingrediente.

São 12 ervas para curar.

- Três dias completos para preparar o que ajuda nos problemas respiratórios. Casca de angico e mais onze plantas.

Ela lembrou cada uma delas, e foi dizendo uma por uma, contando em seus dedos para comprovar que estava certa do número. - assa Peixe, alecrim, alfavaca, folha de ameixa, hortelã, erva cidreira, guaco, sálvia, flor de paineira e tansagem.

Com essa composição de plantas, o xarope curandeiro trazia de volta o alívio de um pulmão cansado.



Com **noventa anos** - ela faz questão de ressaltar a idade - **conta que tem um caderno de receitas com todos os seus xaropes** e promete que vai procurar com mais calma, justificando que esses dias estava descansando um pouco mais do que o normal, devido a uma reação alérgica que teve de uma medicação.

Curioso que foi uma alergia que também a afastou do trabalho da farmácia viva e vamos contar lá na frente.

O poder de cura dos xaropes da Dona Lourdes é tão conhecido que histórias não faltam para contar. Hoje ela não consegue mais fazer, a preparação exige muito tempo e essa doce senhora, já acumulou muitas horas de trabalho generoso.

Ela nos conta satisfeita que até hoje as pessoas perguntam sobre seus remédios curandeiros, se ainda faz, mas ela explica **que já foi o tempo.**

Além do mais famoso das 12 ervas, tinha também um especial para bronquite e asma. Umbigo de banana, cebola roxa e rapadura. **Corta tudo, coloca em camadas dentro de uma vasilha de vidro - ela reforça que não pode ser de metal.**

Dona Lourdes enquanto fala das etapas, mostra com as mãos com um leve tremor devido ao Parkinson, como deve ficar os ingredientes:

- Você põe uma camada da rapadura fininha, raspada. Corta o umbigo da banana bem cortadinho e uma camada de cebola. E assim vai deixando a última com rapadura. E assim termina. Deve fazer de manhã para ficar o dia todo em infusão.

A noite, leva para o sereno. Ele tem que dormir uma noite no sereno. De manhã antes do sol sair, recolhe.

Хороше
суга

Minha Medicina

E U N U N C A C O B R E I N A D A
P A R A F A Z E R E S S E S X A R O P E S .
A S P E S S O A S T R A Z I A M A S
P L A N T A S E E U F A Z I A .

Dona Lourdes nos conta que esse conhecimento dos xaropes foi no curso de medicina alternativa que deram e que ela foi aperfeiçoando.

Depois dessa primeira receita, fomos interrompidos por uma confusão entre as duas cachorras que dona lourdes tem em casa. Sabe aquela raça que quando você encontra é a mesma sensação de um tigre, você sabe que não terá chance, pois bem, duas pintcher começaram a latir e dona Lourdes repreende:

- Meniiiiinas! E já volta para a nossa conversa.



A R E S P O N S A B I L I D A D E D O
P R E P A R O . A D O S E C E R T A .

A história do rapaz que era dono da loja de peças chamou bastante atenção. Ela conta que ele tinha uma menina e que chegou quase a perdê-la. Enquanto a pequena estava no balão de oxigênio, ele foi até Dona Lourdes pedindo o santo xarope. Depois de trazer as plantas para que pudesse fazer, a menina fez o tratamento por quatro meses.

Em junho, do ano que ela adoeceu, o pai fez um teste. Foi ao jubileu a noite, em campo aberto, para fazer um experimento da saúde da filha.

Maria Theresa, a menina que ficava no balão de oxigênio, nessa ocasião gripou mas apenas seu nariz escorreu, não teve nada grave como antes, mesmo pegando sereno. A partir desse fato, ele começou a contar para todo mundo da eficiência da receita.

- Eu ensinei ele a fazer. E ele começou a ensinar outras pessoas na maior boa vontade. E falei apenas sobre a responsabilidade de não deixar o xarope no sol e nem de passar do dia seguinte do tempo de recolher.

Para Dona Lourdes, os xaropes eram um complemento aos chás da Farmácia Viva na época. No local eram mais de 150 plantas disponíveis para o tratamento. Junto com Magdalena, Rosa, Maria Matutina e ela, eram as coordenadoras do projeto. Rosa e Maria já faleceram.

O que eu não esperava era que a conversa com a Dona Lourdes iria render mais do que seus xaropes.

Um Livro Centenário

A história de uma antiga fazenda que foi vendida para a Anglo American, empresa que transformou a comunidade quando se instalou na cidade, despertou nossa curiosidade.

Dona Lourdes pede à filha para trazer um livro que a princípio parecia algo comum mas ao ser apresentado, vira uma verdadeira descoberta - quase que arqueológica - ela nos mostra um documento de grande valor histórico.



190

San Antonio

Ciudad de Comision

Quinto

1894

Quinto

condido de

QUANDO OLHEI AQUELE
LIVRO.ME EMOCIONEI.

UMA VERDADEIRA RELÍQUIA
COM FOLHAS AMARELADAS
QUE SE DESFAZIAM PELA
AÇÃO DO TEMPO.

CHEGO MAIS PERTO PARA
PODER OLHAR. TENTO
ESCONDER MEU INTERESSE
EM LER LINHA POR LINHA.
MAS A EMPOLGAÇÃO ME
ENTREGA.

Fazenda de Cura

Ela conta que o sogro foi seminarista, adorava estudar e estava certo em ser padre. Não seguiu, se casou, teve filhos, um deles, seu marido. Dona Lourdes explica que o sogro **tinha estudado medicina por conta própria**, principalmente pesquisas sobre tratamentos naturais, e assim, se tornou homeopata.

Naquele livro ele anotava todas as suas receitas, dosagens de cada erva, preparo e as propriedades curativas que cada elemento. **A fazenda funcionava como uma hospital natural**, as pessoas iam até lá em busca de cura,



Todas eram atendidas por este senhor quase seminarista e, recebiam tratamento, algumas delas até faziam pouso no lugar.

– Ali era um hospital. Me lembro de ver muitas pessoas passando por lá, dormiam, faziam consultas, recebiam tratamento, as vezes ficam dias internadas e eram **tratadas com remédios naturais** e meu sogro acompanhava a evolução do paciente, anotando e analisando a evolução daquilo que aplicava.

Dona Lourdes, com nostalgia, conta que aprendeu muito com ele, vivenciava aquela rotina de atendimentos e **ouvia a função terapêutica de cada planta medicinal.**

- Neste livro ele anotava todas as consultas, as enfermidades e acompanhava a evolução do tratamento. Aqui também tinham receitas de remédios e anotações históricas importantes para ele.

Tudo o que Dona Lourdes nos contou sobre seus xaropes, a homeopatia do sogro, o hospital fazenda e a ligação com a cidade de Conceição do Mato, pode ganhar uma nova pesquisa e inclusive, um novo livro.

Com ela estão memórias jamais narradas e que precisam ser preservadas. Quem sabe em um novo projeto vamos fundo nessa história.

Por aqui, infelizmente, vamos nos concentrar na importância para a formação da Farmácia Viva.

O que posso resumir dessas três visitas, tão rápidas e tão inspiradoras, é que dona Palmira, Tia Inês, Dona Lourdes e outras importantes mulheres que iniciaram esse projeto de cura, uniram seus saberes ancestrais e juntas -uma plantando ervas, outras aplicando o método ou fazendo os chás e xaropes - ajudaram na preservação desta tradição de medicina natural.

Muitos nomes construíram esse patrimônio cultural imaterial, Marias, Geraldas, Rosas. As visitas foram concentradas nas voluntárias mais antigas, como forma de homenagem para quem dedicou uma vida ao próximo. Nos capítulos que seguem, temos uma narrativa do presente, relatos de cura e daqueles que fazem a Farmácia Viva sobreviver.

Mulheres do Santuário, é uma história de resistência e de amor. Essa iniciativa é só o começo.

Agora, nossa visita à **Farmácia Viva**.

*Vamos de
encontro
com o
presente*

FARMÁCIA VIVA

AO LADO DO SANTUÁRIO
DA CIDADE ESTÁ A
FARMÁCIA VIVA. QUE
ATENDE SEMANALMENTE
PESSOAS QUE BUSCAM A
MEDICINA ALTERNATIVA
COMO FORMA DE
TRATAMENTO PARA SAÚDE.



*A Farmácia
viva*

Magdalena é a vida da farmácia

Chegamos. Magdalena e Aline, nossas anfitriãs e responsáveis por toda a programação da visita, nos esperavam. Entramos com elas, devagar, observando as pessoas que já estavam lá, algumas sentadas, outras em pé, eram poucas ainda, o atendimento estava só começando.

Havia uma sinfonia na Farmácia Viva, **passarinhos animados, um som do vento passando pelas árvores, conversas mansas, uma tesoura cortando.** As ervas que estavam sendo trabalhadas ali, perfumavam todo o ambiente. Que cheiro gostoso!

Entrando com Magdalena, percebemos que é a estrela do lugar, ela traz ainda mais energia para aquele espaço. Faz questão de falar com cada um que está ali, de quem seria atendido até quem estava trabalhando. Pergunta da família, se está bem, se tinha feito o tratamento.

Brinca com as palavras com humor, conseguia alguns risos, era o próprio movimento. Arrumava uma coisa e outra, enquanto nos apresentava e comentava do livro.

Magdalena é uma grande articuladora do projeto, não apenas isso e além disso, naturalmente ela faz tudo fluir.

A Farmácia Viva reunia naquele dia, voluntários que trabalhavam tanto na preparação quanto na organização do armazenamento das ervas. No atendimento, só pessoas habilitadas como Conceição e Gilda, que são a única dupla atuante no momento.

Também estavam pacientes que foram chamados para dar os depoimentos, pessoas importantes que ajudaram no projeto e claro, como uma quarta-feira normal, pacientes que esperavam para ser consultados e receber o tratamento. Todos que ali estavam, sentiam uma vibração positiva, a energia que vinha das plantas medicinais que estavam por todos os cantos.

O CHEIO DAS ERVAS
E O SOM DA
TESOURA PICANDO
SE TRANSFORMA EM
UMA ESPÉCIE DE
MANTRA NAQUELE
LUGAR.



*Conceição e Gilda.
Unidas pelo amor,
resistem juntas.*

Vou tentar descrever todo **o espaço para que consigam entrar na Farmácia Viva.**

Do portão até o espaço de atendimento, uma varada rodeada por árvores. Chegando na porta principal, logo de frente está a sala de atendimento individualizado, onde o método é aplicado, anotações feitas e receitas são criadas.

Ali estavam Conceição e Gilda, recebendo cada um dos pacientes, explicando como o atendimento é feito e com a caneta em punho para todas as observações que deveriam fazer.





MÃOS GENEROSAS.
OLHAR DOCE.

Conceição é tímida, um pouco mais calada e tem a generosidade em suas mãos. **Enquanto Gilda, tem no olhar, a doçura** de alguém que tem prazer em ajudar.

Uma dupla de mulheres simples, com um conhecimento tão rico quanto a alegria que transmitem enquanto conversam.

Fico na dúvida se elas têm consciência do tanto de saber que reúnem. Acho que sabem, mas a humildade é tanta que elas compartilham sem medo.



Passando pela sala de atendimento, ao lado da Farmácia mais rica que eu já conheci. Nem consegui contar o número de potes separados alfabeticamente com as ervas poderosas que formam as receitas dos tratamentos. Tudo muito bem organizado, limpo, lindo. **Ervas desidratadas naturalmente que tinham a maior variedade de verdes que já vi.**

Um pouco mais para o lado, a sala de preparo das ervas. É de lá que o cheiro vinha junto com as conversas mansas. Ao fundo, uma janela, onde algumas pessoas apareciam para dar um oi e onde as ervas estavam dispostas para secagem.

MONTINHOS PICADOS DE
DIFERENTES TONS SE
CONCENTRAM NA ÁREA DE
SECAGEM. ANTES DE PASSAR
PELA TESOURA.

No balcão do outro lado da janela, logo na entrada, uma cozinha pequena com pia para manipulação, lavagem e também o preparo do chazinho de ervas da tarde. Ali, passei boas horas observando e conversando com as pessoas.





Ervas e
seus
tons de
verde

TUDO COMEÇA PELO TIMO

Semanalmente, a única dupla treinada e habilitada que ainda atende no local, se prepara para receber pacientes. Após anotar os dados básicos da pessoa, a técnica não invasiva inicia com a **abertura do timo**, um pouco de propolis nas mãos de quem está sendo atendido para **calibragem energética**.

Com a liberação, Conceição que será a transmissora, faz o elo com os indicadores e polegares das duas mãos, e se conecta ao elo de uma das mãos de Gilda, formando uma corrente. Na outra mão de Gilda, que está como examinadora, uma varinha tem a função de ser a condutora da energia emitada pelo órgão a ser testado.



A ideia é que haja uma força muscular do examinador tentando abrir os elos do transmissor.

A varinha percorre todos os pontos do corpo, parando em cada órgão a fim de testar a energia emitida. **Quando o examinador consegue romper o elo dos dedos do transmissor, isso significa que aquele órgão está emitindo pouca energia, está doente.**

A partir daí também são testados os agentes biológicos como vírus, bactérias, fungos e parasitas para entender o que está causando esse desequilíbrio.

Depois de tudo anotado e analisado, é feita uma receita com a combinação das ervas que podem ser utilizadas como tratamento em forma de chá. A dosagem e o período de uso é definido ali mesmo e o retorno é de acordo com cada tratamento.



Ao sair do atendimento, o paciente com a receita nas mãos e segue direto para a farmácia. Entrega para a responsável, que fará a montagem do chá, de acordo com o que foi colocado e na dose correta. Agora é começar o tratamento e avaliar a evolução. O retorno é essencial.

Naquela farmácia existem mais mais de 100 diferentes tipos de ervas medicinais desidratadas que foram plantadas, colhidas, tratadas, classificadas e armazenadas por toda uma comunidade que ajuda no projeto.

Ali também estavam as mulheres mais tímidas, não queriam saber de fotografias ou vídeos, mas com jeitinho conseguimos fazer com que elas concordassem. Aliás, nos contaram até que são cantoras de coral e das boas!

Para garantir o funcionamento da Farmácia Viva, **existe uma escala de voluntários** que se revezam nas semanas, mas quem puder pode aparecer porque sempre há algo para fazer.

Durante a visita, pude conhecer as novas pessoas que estão fazendo parte do projeto. Duas delas, **Angélica e Driele**, participaram da capacitação técnica promovida pelos IPES, que apoiamos. **Adeir foi paciente e voltou** para ajudar na preparação das ervas.

Para elas, trabalho voluntário é um estágio, ajuda a entender como o espaço funciona, quais são as tarefas e começar a treinar os atendimentos.



Durante nossa conversa, os três contaram sobre a forte ligação com a natureza, gostam de chás, gostam de plantas, e isso, não seria diferente, se não, dificilmente estariam ali.

O interessante é como concordaram que passar as tardes de quartas-feiras na farmácia, servia como terapia.

Trabalhar com as ervas: separar, picar, secar, serve como terapia. Além disso, Adeir, durante a conversa, comenta que a energia das pessoas que trabalham ali, ajuda a deixar o ambiente ainda mais saudável.

A alegria está estampada nos rostos de Magdalena, Conceição e Gilda ao ver os novos voluntários se interessando por todas as etapas da Farmácia Viva.

O acolhimento que recebem é recíproco, nossas três protagonistas são aquelas mulheres que nos abraçam com os olhos.



Adeir

Cezino da Silva

VOLUNTÁRIO

Conexão

“A troca da energia com as plantas aqui desse lugar é igual caminhar em uma floresta, você só vai se conectar quando se abrir para ela. Aqui não é diferente.

Para nos conectarmos com esse trabalho temos que estar dispostos, é uma troca de energia, minha com a planta e a planta comigo, Você precisa acreditar.”

**Adeir Cirino da Silva,
voluntário da Farmácia Viva**

Argélia
Maria dos Bastos

VOLUNTÁRIA



Por amor

“O meu interesse em estar aqui, em ter feito o curso, foi o amor que tenho pelas plantas. queria conhecer o benefício delas e usar para mim. Mas foi além. estou amando esse trabalho aqui.

Eu senti uma energia muito grande, um amor, quero aos poucos conhecer, experimentar e ver onde posso chegar. eu não quero largar isso aqui nunca mais.”

Angélica Maria dos Basdon
Voluntária da Farmácia Viva

A close-up portrait of a woman with dark, curly hair, smiling gently with her eyes closed. She is wearing an orange top. The lighting is warm and soft, highlighting her features.

Pricle

Antunes Assis Araújo

VOLUNTÁRIA

Ancestral

“Minha avó, minha mãe, elas foram criadas na roça. tínhamos o costume de tratar qualquer doença com as receitinhas da vó.

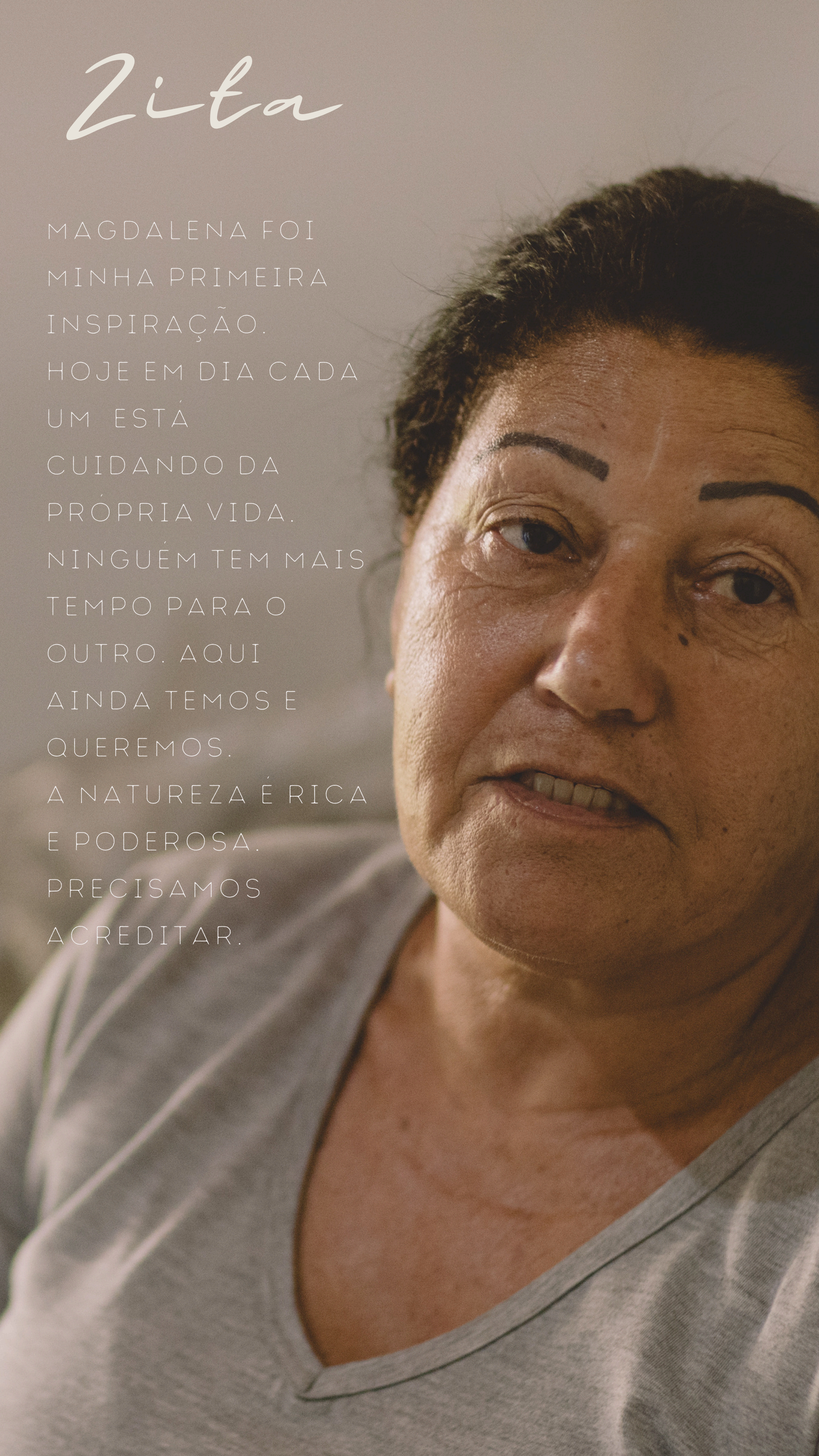
Essa influência me fez chegar até aqui. Pra mim é muito importante esse resgate ancestral, a primeira vez que vim já me voluntariei. agora fiz o curso e não vejo a hora de começar atender.

Trabalhar com as plantas, mexer na terra é uma energia maravilhosa, vc percebe que faz parte da natureza. é até difícil explicar em palavras esses sentimentos.”

Driele Antunes Assis Araújo
Voluntária Farmácia Viva

Zita

MAGDALENA FOI
MINHA PRIMEIRA
INSPIRAÇÃO.
HOJE EM DIA CADA
UM ESTÁ
CUIDANDO DA
PRÓPRIA VIDA.
NINGUÉM TEM MAIS
TEMPO PARA O
OUTRO. AQUI
AINDA TEMOS E
QUEREMOS.
A NATUREZA É RICA
E PODEROSA.
PRECISAMOS
ACREDITAR.



Sou nascida e criada na roça, onde morei até os 30 anos, colhendo e moendo cana, capinando. Quando eu vim para Conceição eu conheci essa turma.

Magdalena foi minha primeira inspiração.

Começamos como líderes da postoral da criança, cuidando delas com chás, com a multimistura que é aquela farinha enriquecida usada para a desnutrição.

Depois viemos para este projeto que chamamos de **Medicina Alternativa ou Farmácia Viva.**

O conhecimento que consegui aqui, nunca esqueci. Hoje em cada lugar que eu passo, consigo identificar as plantas medicinais e para que serve cada uma, se é para verme, para rins, para diabetes.

Quando me perguntam “**Pra que serve essa planta?**” **Eu já respondo, essa é para dor de barriga,** essa é boa para o coração, essa para colesterol. combinação com os remédios químicos que às vezes preciso tomar, porque precisamos acreditar na ciência e fazer a combinação com a natureza.

Aqui vem muita gente debilitada, por exemplo, pessoas que estão fazendo quimioterapia, que é algo muito agressivo, e os chás ajudam a se sentirem melhor durante o tratamento. Às vezes o chá não cura imediatamente, mas ajuda a ter qualidade de vida.

Quando olho para este lugar, vejo que **precisamos ser reconhecidos por este trabalho voluntário.**

Hoje em dia é difícil encontrar quem esteja disposto a fazer isso, está cada um cuidando da própria vida, ninguém tem mais tempo para o outro. Aqui ainda temos e queremos.

Isabel



Izabel, filha de Conceição, filha da Medicina Alternativa.

Fiz o primeiro curso sobre biomedicina junto com as outras meninas, em 1997. Trabalhei muito tempo por aqui.

O tratamento com chás já era parte do nosso trabalho na pastoral da criança, lá a gente tinha o chazinho da vovó, que era como um xarope de hoje. Esse mesmo grupo que já trabalhava na pastoral e tinha feito o curso, também se juntou para criar o grupo da Farmácia Viva e começar os atendimentos para tratamento e cura.

Quando começamos a gente não tinha o tanto de erva que estamos vendo aqui hoje. Cada uma de nós, tinha uma horta de chás em casa. Cada uma pegava sua plantinha, pedia mudinhas para os conhecidos e trazia pra cá para garantir os tratamentos.

Eu fazia de tudo um pouco, picava, juntava as plantas, secava. O trabalho era também um tratamento.

O atendimento envolve nossa energia, mas mesmo com um tanto de gente a mais aqui, ninguém ia embora sem atendimento.

Temos que resgatar essa cultura raiz. Lembro da minha mãe que era zelosa, tinha os canteiros com as plantinhas, ali a gente tinha tudo o que precisava.

A farmácia viva é cura, e eu sou prova disso. Teve uma época que eu estava com anemia. Fui atendida, recebi o tratamento e na hora de fazer o chazinho, adivinhe qual era o produto principal? Semente de urucum! Fiz o tratamento, retornei e tinha curado. **Nunca mais tive anemia.**

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA
ISABEL FLORIANO PACHECO



Ouvindo aos relatos, sentia cada vez mais forte em meu coração, que o projeto Mulheres do Santuário - que na primeira conversa com a Aline já tinha me ganhado - realmente tinha um grande potencial. Acredito que conexões acontecem a partir de desejos semelhantes.

Desde manhã, estávamos ouvindo muitas histórias de cura. Estar ali, rodeada de pessoas **cheias de amor, de fé e de generosidade**, elevou completamente minha alma.

É difícil conseguir reunir todos que de alguma forma participaram e participam desse trabalho, O mesmo, todos que foram curados. O que tento trazer neste livro é um pouco da experiência dos dois dias em Conceição do Mato Dentro, MG.

Ainda estamos no primeiro dia.

Ainda estamos no primeiro dia.

Coletei depoimentos ainda do Júnior, Claudio Zoião e Carla - que é nossa apoiadora de iniciativas entre IPES, Metso e Anglo.

Não teve nenhuma entrevista ou bate papo informal que não tenham mencionado a palavra “acreditar”. E não tenho dúvidas que é a premícia para qualquer tratamento, **a fé.**



RELATOS DE CURA

SÃO MUITAS AS PESSOAS
QUE PUDERAM SER
TRATADAS E CURADAS
PELA FARMÁCIA VIVA.
DURANTE A VISITA.
PUDEMOS CONHECER
ALGUMAS DELAS.

Relatos de cura





RELATOS DE CURA

Junio



RELATOS DE CURA
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA
JOSÉ AILTON LAGES JÚNIOR

Conheci a Medicina - a Farmácia Viva - através da Magdalena. Desde muito novo eu tinha um problema sério de dor, chegava a ficar de cama, mesmo com remédios. Há dez anos atrás eu vim conhecer a medicina e fiz um tratamento natural.

Nunca mais senti aquela dor. Tomei o chá direitinho, segui certinho o que tinha que fazer, não podia beber, tinha horários e fiz. Me curei.

Na primeira vez, eu achei a consulta muito interessante, tinha a varinha, o dedo que não descola.

Acabei ficando interessado no que aquilo ia dar. E na consulta, elas me perguntaram o que eu sentia, o que eu tinha, e na sequência, foram fazendo a análise.

Quando terminou, me passaram o tratamento, as orientações para tomar o chá e a partir daí eu levava minha garrafinha para todos os lugares, tomava direitinho nos horários. Depois voltei para o retorno e fui percebendo a melhora no dia a dia. Nunca mais fiquei de cama. Melhorou muito minha vida, eu chegava a ficar semanas sem me mover.

O interessante é que eu moro em frente ao hospital, na época, eu era amigo das enfermeiras, elas sabiam do meu problema, que eu não levantava de dor.

Como minha cama é bem na janela, na parte da frente da casa, tinha dias que eu ficava com a chave na mão, esperando a enfermeira chegar para entregar a chave e assim ela podia entrar e aplicar a injeção. Eu não conseguia levantar, era terrível.

Chá é para curar

Depois que comecei a me consultar, nunca mais fiquei de cama, nunca mais tive aquela dor. E continuo vindo pelo menos uma vez no ano para manter tudo em ordem.

Quando comento com meus amigos sobre a cura, muitos acabam vindo até aqui para também se consultar. Eles sabem da minha melhora de saúde e passam a frequentar esse lugar por isso.

Eu sempre reforço, aqui nunca vão receitar algo que faça mal, porque elas perguntam tudo o que fazemos, aquilo que tomamos, dão uma geral em todo o corpo para ter certeza que aquela combinação das plantas para o chá, não vão interferir em nada. É para curar.

Já ouvi de muitas pessoas que duvidam da eficiência dos chás, contam que tomaram a vida toda e que chá não é remédio.

Eles não se consultaram, não fizeram o tratamento, não receberam uma receita com as ervas e doses certas. Não é só tomar o chá, ele faz parte do atendimento. A gente já sabe. E você tem que confiar, tem que entender como o método funciona, no conhecimento que elas tem e ter fé.

Como não tenho mais aquela dor, só cuido mesmo da pressão alta e da saúde no geral, eu passo aqui todo ano, passo para garantir que minha saúde continue bem.





Claudio

RELATOS DE CURA

RELATOS DE CURA
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA
CLAUDIO SÉRGIO DA SILVA

Claudio tem muitos, mas Zoião só eu.

Há mais de vinte anos me consulto aqui.
Venho de duas a três vezes no ano.

Já tive muitas curas, vou tentar reunir algumas. Uma das primeiras consultas foi por uma dor que eu tinha na batata da perna. Depois do tratamento, nunca mais tive dor.

DEIXARIA QUALQUER COMPROMISSO
PARA DAR ESSA ENTREVISTA HOJE
AQUI. A MEDICINA É MUITO
IMPORTANTE PARA MIM.



Outro problema foi um inchaço na barriga, geralmente acontecia na parte da tarde, não entendia. Eu fui ao médico, ele receitou um remédio mas não melhorou. Vim aqui na Medicina e descobri que o remédio não funcionava porque na fórmula tinha carqueja e meu corpo não aceitava. Fiz o tratamento com os chás – sem carqueja - curei de novo.

Em uma das consultas aqui, descobri que eu ainda tinha ovos daquela solitária na minha cabeça. Eu já tinha feito exames no médico, e isso não apareceu. Esses ovos deixam a gente doido ou matam. Eu continuo doido mas morrer, eu não morri.

Por isso que quando eu vejo pessoas com qualquer problema de saúde, eu já falo, vai na medicina alternativa. Indico para meus amigos, indico para minha família. Tanto é verdade que minha sobrinha, quando tinha uns 14-15 anos tinha uma dor no peito muito forte, tinha ido em muitos especialistas, falavam que era ansiedade.

Trouxe ela aqui, consultou com a Gilda, que pediu atenção ao problema dela e que fizesse todo o tratamento e retornasse algumas vezes. Depois de um tempo, nunca mais teve a dor.

Eu sempre fui a favor do natural, minha mãe tinha horta, ela tinha tudo, plantava e não gostava de remédio de farmácia. Morreu aos 95 anos de AVC e tinha uma saúde invejável. Ela sempre tinha um chazinho, sempre respeitei a natureza.

Tem gente que não acredita, que não entende o método e o tratamento. Eu fico triste, porque sou a prova viva que isso funciona. Sabemos que existem situações que precisam ser tratadas pela medicina convencional.

Desde que comecei a me tratar na Medicina, todos os anos em meus checkups, o médico não receita nem sonrisal.

Aqui o atendimento é individualizado, é do corpo todo e o tratamento é feito para você, por isso funciona.



Carla

RELATOS DE CURA

Eu já conhecia o projeto mas hoje foi a primeira vez que vim. Tenho crises de enxaqueca e desde o início do ano isso se acentuou. Eu já tomo remedios mas comentei com o Helge que precisava de alguma coisa para ajudar.

Achei muito interessante o atendimento, custei a entender como funcionava. A gente vai contando e ela vai sentindo, muito curioso.

Ela falou algumas coisas durante o atendimento que bateu muito com alguns problemas que tenho. Fez muito sentido. No atendimento foi tão leve, elas são tão fofas, tirei dúvidas também, se colocaram a disposição para quando eu quiser para voltar aqui.

Comentei também que eu tomo chá de hibisco e ela falaram que nesse momento não faz muito sentido. A nutricionista me passou para tomar própolis e elas também falaram que não faz sentido tomar todos os dias, apenas quando precisa.

A woman with long dark hair is sitting and smiling at the camera. She is wearing a light grey short-sleeved ribbed t-shirt and dark pants. A small black lavalier microphone is clipped to the neckline of her shirt. She is also wearing a long necklace with a small circular pendant. Her hands are clasped in her lap. The background is a plain, light-colored wall. To the left, there is a wooden chair and some plants, which are slightly out of focus.

FIQUEI IMPRESSIONADA
COM A VARIEDADE DAS
PLANTAS PARA OS CHAS.

FINAL DO PRIMEIRO DIA

Os atendimentos acabaram, ao mesmo tempo que as entrevistas. O compromisso do segundo dia era dar uma carona para **Conceição, Gilda e Magdalena para a entrevista final:** contar a história de como se conheceram e continuam segurando o projeto com fé e persistência.

Agora, pôr do sol, mergulho no poço das ninfas e uma boa noite de sono.



Resistência

GILDA, CONCEIÇÃO E MADAGDALENA

SEGUNDO DIA COM AS TRÊS MULHERES

MAGDALENA, CONCEIÇÃO E
GILDA INICIARAM O
PROJETO DA FARMÁCIA
VIVA E MANTÉM ATÉ OS
DIAS DE HOJE O
ATENDIMENTO À
COMUNIDADE.
TRÊS EXEMPLOS DE
GENEROSIDADE.

A história de Dona Palmira, Tia Inês e Dona Lourdes se encontra com a de Conceição, Gilda e Magdalena, na Farmácia Viva - em sua criação e na dedicação para que os atendimentos continuassem por tanto tempo.

Foi no caminho para o Instituto IPES, no segundo dia, que pude observar a relação dessas três mulheres.

Enquanto seguíamos para a visita, elas no banco de trás contavam histórias, comentavam os últimos acontecimentos e riam daquilo que falavam. Uma amizade boa de observar.

As três muito animadas, falavam de um ritual da lua para apresentação dos bebês. Imagine se hoje em dia as mães saem com bebês recém nascidos ao relento, é quase um sacrifício.

Mas ali ouvindo como fazer esta apresentação formal de um humano ao satélite natural da Terra, percebo que a natureza ainda rege muita gente, inclusive eu.

O ritual é o seguinte: quando a criança nasce, devemos lavar e secar as roupinhas dentro de casa, esperar ela completar sete dias de vida, só depois fazer a apresentação à lua, repetindo três vezes as frases abaixo:

Lua, luar

Tome esse menino e me ajuda a criar

Depois de criado você torna a me dar

Lua, luar

Tome esse menino e me ajuda a criar

Depois de criado você torna a me dar

Lua, luar

Tome esse menino e me ajuda a criar

Depois de criado você torna a me dar

Magdalena conta que só depois de apresentar o menino à lua é que as roupinhas podem dormir no sereno. Pergunto se isso é coisa antiga, e elas respondem que é coisa da roça, de muito tempo atrás. E Gilda completa:

- Antes eu falava - lua, luar, tome esse menino pra você criar - mas Palmira alertou que não era assim, que não poderia falar dessa forma, que o correto é me ajudar a criar. Caso contrário, a lua leva embora. Aí só depois de sete dias é que você pode deixar as roupinhas.

- Ela acredita mesmo nisso, uai - retruca Magdalena

- Cê tá doido? Isso aí minha fia, é coisa famosa, não dá pra descuidar não.

Conceição entra para defender o rito.

- E Jesus não foi apresentado no templo?

- No teeeeemplo! - reforça Magdalena

Mas Gilda encerra a conversa não deixando dúvidas:

- Mas vai que Sossa Senhora apresentou ele pra lua, pro sol, passou falando.

Não quis me meter na discussão, só falei que se eles estão falando eu acredito e se pudesse teria feito com meu filho, Zion.

Chegando no Instituto IPES, Aline, Helge e Thiago nos esperavam por lá, e como sempre, com uma mesa farta de delícias mineiras. Também estavam com eles, tio Paulo, que queria contar um relato de cura.

– Preparamos um espaço para as entrevistas de hoje, debaixo da mangueira.

Aline explicava que era debaixo da linda árvore que os cursos eram realizados no IPES, inclusive a capacitação sobre o método bioenergético que aconteceu no primeiro mês de 2025.

Não poderia ter lugar melhor.

DEBAIXO DE MANGUEIRA

AS TRÊS MULHERES QUE
PROTAGONIZAM A
HISTÓRIA DA FARMÁCIA
VIVA SÃO AS
RESPONSÁVEIS POR
MANTER ESSE PROJETO
EM PÉ.

As três Mulheres do Santuário, eram acompanhadas por Paulo, irmão de Gilda que participava da conversa para relatar seu caso de cura e apoiar na importância do projeto.

Conceição, que desde o dia anterior deixava claro que gostava de conversar mas não muito, estava mais empoderada e começou a nos contar como conheceu Gilda e Madalena, com sua voz firme.

– Conheci Madaglena quando vim morar em Conceição, eu era pequena e fui morar ao lado da casa dela. Gilda eu conheci bem mais tarde, na Pastoral da Criança. Isso tem quarenta anos. Depois começamos com a medicina alternativa e ficamos mais juntas ainda. - ela solta um sorriso.

A partir daí conta que qualquer coisa que esteja relacionado ao assunto de plantas, elas vão juntas, estudam juntas. No primeiro curso de bioenergia, apenas Gilda e Magdalena fizeram.

Conceição

PODEM ME CHAMAR DE
ÇÃO QUE É MAIS PRÁTICO



- Quando a gente fez o curso, a Ção não conseguiu, aí Magdalena ficou preocupada. Mas aí teve o curso em Corregos e inscrevemos ela. - conta Gilda.

Elas contam que depois que todas já tinham feito o curso, tiveram que vencer o medo de aplicar a técnica. A grande incentivadora para colocarem em prática foi a Tia Inês, que dizia para deixar de lado e começar.

Este medo na verdade era a consciência da responsabilidade que tinham nas mãos. Fazer as consultas, diagnosticar, receitar, tratar pessoas, exige muita responsabilidade. Contam que uma vez treinaram mulheres de outra cidade e que elas nunca tiveram coragem de fazer os atendimentos pelo peso desse compromisso.

Para ganhar experiência, começaram a aplicar a técnica em si mesmos, nas famílias, nos amigos. E a cada dia ganhavam mais confiança.

– A minha primeira paciente foi minha filha, Alana. - explica Magdalena e completa que ainda hoje ela é nossa parceira dando o curso de bioenergia.

Magdalena conta que Alana é uma grande companheira hoje em dia. Que ela tem muita intuição, quando tem dúvidas sobre quais plantas deveriam indicar, ela prontamente tem a resposta.

Conheci Alana horas depois dessa conversa na mangueira, durante um chá em que fizemos um bate papo com outras mulheres da cidade. A Magdalena fez o mesmo comentário sobre sua intuição e ela dizia que não era sensibilidade e sim conhecimento, que aquilo que ela indicava, fazia com grande certeza devido aos estudos que realiza.

Ouvi uma vez uma definição de intuição que me ajudou a entender um pouco melhor.

Magdalena

MINHA ESPERANÇA É QUE
O PROJETO CONTINUE



A intuição nada mais é que nossa bagagem física e emocional, a sabedoria fica em nossa mente e com mais agilidade conseguimos ouvir essa voz, chamada de intuição, guia, sensibilidade.

A história da cura de Alana, Magdalena vai contar com mais detalhes, porque esse fato foi o ponta pé inicial para a fé no método.

O dia estava lindo, mais uma vez. A sombra daquela mangueira, o espaço do Instituto IPES, tudo aquilo junto criava um cenário perfeito para aquela conversa e quis entender um pouco mais do gosto por plantas, que veio antes do curso, antes da medicina. Queria ouvir delas, que essa sabedoria é coisa da roça.

Gilda então confirma que realmente é isso. Conta que sempre morou na roça e que a mãe nunca deu remédios, só chás. Em Congonhas, onde morava quando pequena, não tinha médicos, tinha um homem que tratava das pessoas só com plantas medicinais.

Gilda

TUDO O QUE SE FAZ. TEM
QUE FAZER COM AMOR



Durante as consultas, ele olhava para o paciente e já sabia quais plantas tinha que reunir para fazer uma garrafada. E assim, ela foi aprendendo as funções de cada erva, principalmente com um senhorzinho que mora perto da casa dela que ia mostrando qual era cada planta e qual sua função.

Diferente de Gilda, Conceição contou que não sabia muito sobre plantas, só algumas, mas que também na sua infância tinha um senhor que fazia homeopatia, acaba falando sobre o que estava colocando ali, mas as vezes duvidava que tinha alguma coisa, porque parecia água.

– Ô, Ção. Mas ele fava homeopatia ou simpatia? pergunta Magdalena. É porque aqui eles falam simpatia.

Ainda falando sobre o início dos atendimentos, Gilda agradece pelo apoio da igreja, mencionando o padre Tharcysio que trouxe o método e permitiu esse atendimento, como até aqueles que estão hoje, cedendo o espaço e apoiando a atividade.

– Tudo o que você tem que fazer, você precisa fazer com amor, se não, não adianta. Sempre começamos os atendimentos com uma oração.

Independente de religião, ou da fé que afirmamos, o tripé: corpo, mente e espírito é uma verdade absoluta. Em uma comunidade como essa de Conceição, o catolicismo é raiz, não é conservador. As Mulheres do Santuário resistem até hoje fazendo os atendimentos porque acreditam que estão fazendo o bem e usando a natureza - que é divina - para curar quem precisa. Seguindo o exemplo da doutrina que vivem.

O arquivo de todos os atendidos está na mão dessas mulheres. Ali uma riqueza de dados dá um perfil da saúde da cidade. Todas as consultas ficam registradas e informações de todos os órgãos e tratamentos estão ali.

Um fato interessante que Magdalena conta é que aqueles que fazem direitinho o tratamento, passam a ter uma ficha mais bonita, os órgãos melhoram, a energia fica equilibrada.

Um fato interessante que Magdalena conta é que aqueles que fazem direitinho o tratamento, passam a ter uma ficha mais bonita, os órgãos melhoram, a energia fica equilibrada.

A expectativa dessas três generosas médicas naturalistas é que mais pessoas se interessem pelo métodos, que mais gente possa aprender e aplicar a técnica. E mais que isso, que apareçam novos entusiastas que acreditem na continuidade do projeto.

– Quero que venha mais gente porque já estamos ficando velhas! Daqui a pouco não conseguiremos atender mais. Queria muito que pelo menos mais uma dupla para seguir esse trabalho.

– Não pode acabar. Essa tradição não pode acabar.

Magdalena conta que Rosa, sua irmã e mais uma senhora de 80 anos foram as primeiras a fazerem o curso. Elas já estavam com idade avançada mas viram no método uma forma de ajudar ao próximo. Então insistiram e uma turma foi formada. Agora estão apenas as três, apenas 1 dupla atuante. É preciso despertar o desejo de novas pessoas pelo projeto.

– Muita gente trabalhou, tia Inês ficou até quanto aguentou. E agora restaram apenas nós três. A nossa esperança é que surjam duplas, que continuem esse trabalho. Assim como Rosa não quis “viajar” sem ter pessoas atendendo, queremos que também alguém continue segurando esse projeto - Magdalena encerra a conversa emocionada.

Ainda falando sobre o início dos atendimentos, Gilda agradece pelo apoio da igreja, mencionando o padre Tharcysio que trouxe o método e permitiu esse atendimento, como até aqueles que estão hoje, cedendo o espaço e apoiando a atividade.

– Tudo o que você tem que fazer, você precisa fazer com amor, se não, não adianta. Sempre começamos os atendimentos com uma oração.

Independente de religião, ou da fé que afirmamos, o tripé: corpo, mente e espírito é uma verdade absoluta. Em uma comunidade como essa de Conceição, o catolicismo é raiz, não é conservador.

As Mulheres do Santuário resistem até hoje fazendo os atendimentos porque acreditam que estão fazendo o bem e usando a natureza - que é divina - para curar quem precisa. Seguindo o exemplo da doutrina que vivem.

O arquivo de todos os atendidos está na mão dessas mulheres. Ali uma riqueza de dados dá um perfil da saúde da cidade. Todas as consultas ficam registradas e informações de todos os órgãos e tratamentos estão ali.

Um fato interessante que Magdalena conta é que aqueles que fazem direitinho o tratamento, passam a ter uma ficha mais bonita, os órgãos melhoram, a energia fica equilibrada.

A expectativa dessas três generosas médicas naturalistas é que mais pessoas se interessem pelo métodos, que mais gente possa aprender e aplicar a técnica. E mais que isso, que apareçam novos entusiastas que acreditem na continuidade do projeto.

– Quero que venha mais gente porque já estamos ficando velhas! Daqui a pouco não conseguiremos atender mais. Queria muito que pelo menos mais uma dupla para seguir esse trabalho.

Essa tradição não pode acabar.



Paulo

MÃOS QUE CURAM

Aquela conversa ao pé da mangueira estaria encerrada se não fosse pela presença do Tio Paulo que contou a história das mãos abençoadas da mãe dele, que também é de Magdalena.

Depois das três encantadoras precursoras contarem suas histórias, tio Paulo - que se preparou exclusivamente para esta entrevista com seu chapéu Panamá - esperava pelo momento em que contaria sobre o milagre natural de sua cura.

Durante um atendimento na Farmácia Viva, teve como orientação que procurasse um médico especialista de garganta para que pudesse olhar com cuidado uma enfermidade que havia ali.

Depois de buscar um médico, conseguir consulta e diagnóstico, descobriu um câncer.

Iniciou o tratamento e todos os procedimentos que o médico indicava, em paralelo, mantinha os chás que o ajudavam a se fortalecer durante as sessões que o castigavam.

Em determinado momento, enfraqueceu, ficou hospitalizado e não se recuperava. Sentiu medo da morte, não havia chás ou tratamento paliativos que o fizessem sair do fundo da cama.

Os médicos incansáveis tentavam animá-lo, sua irmã Magdalena, continuava trazendo os chás para que ele encontrasse um acolhimento mais amoroso mas nada daria resultados.

Sua mãe, que sempre foi rezedeira e curava com as mãos se encontrava acamada. Não estava em um bom momento de saúde e já não podia visitar seu filho, o tio Paulo, no hospital.

Ele piorava.

Um dia, ligou para Magdalena e pediu para que ela lavasse as mãos da mãe e que trouxesse aquela água para que ele pudesse beber. “Ela é cura com as mãos, essa água é santa”.

Magdalena não questionou, fez o que o irmão pediu, foi até sua mãe, lavou as mãos e coletou aquela água.

Colocou em um copo e seguiu para o hospital.

Paulo já não falava, a garganta esta muito comprometida. Ao ver sua irmã sabia que ela traria um santo remédio.

Com ajuda de Magdalena, Paulo tomou alguns goles daquela água que tinha passado pelas mãos de sua mãe, e de pouco em pouco, esgotava a água do copo.

Com a certeza de que aquilo traria sua saúde de volta, se acalmou, confiou e sua fé o ajudou a começar a melhorar.

As horas se passavam e ele começava a reagir com mais força, até que recebeu alta e foi agradecer à mãe.

- As mãos da minha mãe curavam qualquer doença, ela não podia ir até o hospital me benzer, mas a água poderia me curar. Acreditei e aquela água me salvou.



Durante dois dias inteiros, ouvi histórias de pessoas que estavam comprometidas com um bem maior.

os relatos tocaram profundamente meu coração, não apenas porque realmente acredito na cura pela natureza, é porque em cada um deles está uma carga de fé que não tem métrica comparativa. Não tem mais e nem menos. É fé. É acreditar em algo que é maior do que se pode explicar ou do que se conhece racionalmente.

O corpo é o guardião de todas as histórias que vivemos e que nossos antepassados trouxeram. Um livro marcado pelas emoções de cada momento de vida.

Essas marcas se transformam em enfermidades que precisam ser trabalhadas e a natureza talvez seja a forma mais amorosa de tratamento.

Todas as histórias contadas fizeram parte das conversas que tive durante esses dois dias. Dariam um livro maior mas o que importa é que estão aqui.

FINAL DO SEGUNDO DIA

A visita ao Instituto IPES e a conversa debaixo da mangueira encerravam esse encontro que tinha como principal objetivo contar um pouco do que é a Farmácia Viva e a importância dela para uma comunidade que é guiada pela fé e pelas plantas medicinais.

Ainda neste dia estivemos em cidades vizinhas para entender o contexto de Conceição e encerramos mais um por do sol no mesmo local que iniciamos essa jornada: na praça do coreto. Mas, agora, com um chá emocionante com algumas outras figuras importantes desta história.

VOZES

MAGDALENA E SUA FILHA
ALINE FORAM AS
GRANDES
ARTICULADORAS DESSE
ENCONTRO ENTRE AS
PESSOAS QUE FIZERAM
ESSE PROJETO
ACONTECER E EU. QUE
QUERO CONTAR ESSA
HISTÓRIA DE FORMA
SIMPLES E EXPERENCIAL.

POR ISSO NESTA PARTE
SÃO ELAS CONTANDO
SOBRE ELAS.

Na voz da Magdalena

- Magdalena, como tudo começou?

Ah, é uma história boa. Em 1997, Rosa Soares foi a Guanhães, MG, com mais uma companheira, fazer esse curso chamado bioenergético. Ela ficou muito encantada com a técnica, mas infelizmente não pôde trabalhar devido a uma cirurgia que tinha feito no coração, como o método desprende bastante energia, ela não teve condição de trabalhar com ele. Mas, ela fez questão de fazer com que ele funcionasse. Então conversou, na época, com o vigário aqui de Conceição, que se chamava Padre Tarciso, e ele deu todo o apoio. Pediu para que uma dupla de Belo Horizonte pudesse vir até Conceição para ensinar.

No final de 1997, quarenta pessoas fizeram o curso aqui, eu fui uma delas. Em 1998, começamos o trabalho com o atendimento para a comunidade. Na época tínhamos dez duplas de trabalho e por muito tempo essas pessoas fizeram o trabalho de forma voluntária.

Com o passar do tempo, as pessoas foram deixando o projeto devido a outras prioridades na vida. Hoje somos apenas três: eu, Gilda e Conceição. Estamos segurando esse trabalho, mas queremos que outras pessoas aprendam, divulguem, usem o método e também as plantas medicinais.

Quando as pessoas chegam na medicina alternativa, fazemos o teste bidigital. Neste processo, conseguimos identificar quais os órgãos estão em desequilíbrio, depois o que está causando isso, se é vírus, bactérias, uma disfunção, em seguida, quais plantas o organismo da pessoa aceita para curar esse desequilíbrio.

Recebemos o paciente, fazemos a ficha dele, perguntamos quais os medicamentos que ele faz uso para poder saber quais ervas devem ser consideradas para os chás.

S O B R E A T É C N I C A . N Ã O T E M N A D A
D E M Í S T I C O . É C I E N T Í F I C O .

O exame deve ser feito sem nenhum acessório de metal no corpo. Colocamos um pouco de própolis ou tansagem em uma das mãos para abrir o timo, que é como se fosse o computador do nosso corpo. Ele dá abertura para ver o que o organismo precisa.

A partir disso, fazemos o estudo integral do corpo da pessoa e fazemos a receita do chá, baseado em todas as informações que coletamos durante a consulta.

Depois desse atendimento, a pessoa recebe uma receita com a indicação de quais ervas precisam ser colocadas no chá. Ela vem até a farmácia que temos no local, entrega a receita e preparamos a combinação com tudo o que foi receitado, com as dosagens e tempo de uso. Nossa recomendação é que ela volte em quinze dias após o início do tratamento para podermos avaliar o progresso.

O exame deve ser feito sem nenhum acessório de metal no corpo. Colocamos um pouco de própolis ou tansagem em uma das mãos para abrir o timo, que é como se fosse o computador do nosso corpo. Ele dá abertura para ver o que o organismo precisa.

A partir disso, fazemos o estudo integral do corpo da pessoa e fazemos a receita do chá, baseado em todas as informações que coletamos durante a consulta.

Depois desse atendimento, a pessoa recebe uma receita com a indicação de quais ervas precisam ser colocadas no chá. Ela vem até a farmácia que temos no local, entrega a receita e preparamos a combinação com tudo o que foi receitado, com as dosagens e tempo de uso. Nossa recomendação é que ela volte em quinze dias após o início do tratamento para podermos avaliar o progresso.

SALVOU A VIDA DA MINHAS FILHAS

A Medicina salvou a vida das minhas filhas. Eu estava com medo de perder minha filha. Estava com as minhas duas filhas doentes e não conseguia diagnosticar. Levei elas em quatro médicos aqui em Conceição. Fiz muitos exames e não consegui. Elas tinham dor de barriga, dor de cabeça, dor na perna, vômito, diarreia, febre e não conseguia saber o que era.

Fui então lá em Guanhães, MG, fazer o teste de bioenergia com a dona Helena, ela me disse que era xistose, esquistossomose. Eu acreditei. Mas, como a gente tem que procurar medicina convencional, procurei um médico para fazer os exames de fezes para que fosse identificada a doença que dona Helena já tinha me falado.

Mas no exame não dava. Fiquei insistindo, porque eu acreditava que aquilo realmente era a xistose. Depois de doze exames, finalmente apareceu que era a doença que já sabíamos.

Quando o exame deu positivo, uma das minhas filhas já estava internada no Hospital São Camilo, passando muito mal, com febre altíssima. Estava com medo de perdê-la.

Quando cheguei no hospital, levei o resultado do exame para a médica que já medicou imediatamente com a medicação correta. Ela ficou bem, sarou.

Magdalena de Lima Soares Pires

Sementinha de Paineira

A minha família sempre esteve entrelaçada com a “medicina alternativa”. Tia Rosa, irmã da minha mãe, foi a pessoa que incentivou o início em Conceição. Ela conheceu o método Bioenergético e ficou encantada. Não pode atender por problemas de saúde, mas incentivou que fosse formada uma turma para começar o trabalho na cidade.

Nesta época eu era uma criança e lembro que ela dizia “Magdalena faz o papel dos meus braços, o que minha saúde não permite, ela faz por mim”.

Sempre tive uma relação muito próxima com Tia Rosa. Eu gostava muito de ler e ela, como era professora, tinha uma estante que parecia uma biblioteca. Sempre me emprestava livros e adorava quando eu voltava para conversar sobre ele.

Eu tinha entre 10 e 12 anos, ela fava que eu era uma sementinha de paineira, explicando que essas árvores eram grandes e suas sementes - envoltas em

um tipo algodão- são levadas pelo vento e chegam à lugares muito distantes da árvore mãe. Ela nunca me explicou porque me falava isso e eu nunca perguntei.

Anos mais tarde, quando eu cursava na faculdade Engenharia Florestal, em uma aula de dendrologia, o professor explicava as formas de dispersão de sementes e deu o exemplo das paineiras.

Nesta aula viajei no tempo, lembrei quando minha tia me chamava de sementinha de paineira e me perguntei sobre qual seria a expectativa dela sobre mim. Queria ela que eu fosse professora, talvez uma escritora? Eu estava fazendo engenharia. Nunca questioneei minha tia sobre esse assunto. Ela faleceu ainda na época em que eu estava na faculdade.

VISITA GUIADA

Não sou escritora, estou longe disso. Espero que eu tenha conseguido minimamente apresentar essa história com um pouco dos sentimentos que estão vivos dentro de mim, depois deste encontro com as Mulheres do Santuário.

Não tem mais volta, apoiarei esse projeto profissionalmente ou pessoalmente. Ele já tem meu coração.

Ao ouvir novamente todas as entrevistas e reviver todos os momentos com as pessoas citadas aqui, reafirmo meu compromisso em promover esse projeto.

Tenho feito, na empresa ou nos lugares que frequento, sempre tem alguém que me pergunta sobre as senhorinhas que aparecem nos vídeos que publico nas redes sociais e quem são as Mulheres do Santuário.

Aqui está, um pouco do que elas são e do projeto que carregam. Agradeço imensamente à Aline por ter apresentado essa iniciativa e à Magdalena por criar a agenda que permitiu todo esse material.

Carolina Lopes

FÃ DE CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO

Livro

Este livro é parte do projeto Mulheres do Santuário, idealizado pelo Instituto IPES e que faz parte da cartilha de iniciativas sociais da Anglo American, através da qual a Metso, empresa de tecnologia para mineração, apoia todos os anos apoia.

Em 2025, a Metso foi patrocinadora da primeira capacitação técnica promovida pelo Instituto IPES.

Para impulsionar a divulgação do projeto, o livro foi escrito com o objetivo de contar sobre a visita realizada em fevereiro de 2025 em Conceição do Mato Dentro para conhecer o projeto.

A Farmácia Viva de Conceição do Mato Dentro é reconhecida pela comunidade como patrimônio cultural imaterial da cidade.

Informações sobre a parceira do projeto do Instituto IPES e Metso podem ser acessadas pela página:

<https://www.metso.com/pt/campanhas/mulheres-do-santuاريو/>

Metso





O IPES, Instituto cujo nome faz referência à uma das árvores símbolo do Brasil, o Ipê amarelo, promove a disseminação de seus princípios de cuidado com a terra, com as pessoas e com o futuro, através da realização de visitas ecopedagógicas, retiros e cursos sobre práticas diversas como agroflorestas, agroecologia, bioconstrução, energias alternativas, gestão hídrica, medicina ayurvédica, yoga, plantas medicinais, Reiki, alimentação orgânica, entre outras.

Além disso, realiza projetos ecossociais junto à comunidade local visando à promoção social e o desenvolvimento rural sustentável. O IPES busca também fomentar o resgate do conhecimento popular aliado às novas tecnologias o que o torna um centro para a educação em sustentabilidade.

O Instituto deseja ainda criar uma rede de colaboração entre a sociedade pública e privada, universidades e centros de estudos para potencializar seus resultados.

www.ipes.eco.br

Metso

A Metso é pioneira em tecnologias sustentáveis, soluções e serviços de ponta a ponta para as indústrias de agregados, processamento de minerais e refino de metais em todo o mundo. Melhoramos a eficiência energética e hídrica de nossos clientes, aumentamos sua produtividade e reduzimos os riscos ambientais com nossa experiência em produtos e processos.

Rumo à descarbonização

A sustentabilidade é nossa prioridade estratégica. Somos um dos facilitadores da vida moderna e da sociedade: trabalhamos para a descarbonização, práticas industriais mais sustentáveis e um ambiente de trabalho mais seguro, em parceria com nossos clientes, comunidades, fornecedores e outros parceiros.

A transição energética global depende de minerais essenciais, e os processos intensivos em energia e água das indústrias de nossos clientes deixam uma pegada ambiental significativa. Eles precisam atender à crescente demanda por minerais enquanto enfrentam teores de minério cada vez menores e requisitos de sustentabilidade mais rigorosos. Por isso, inovamos constantemente para oferecer soluções mais sustentáveis.

Temos um compromisso com nossos clientes de sermos parceiros desde o desenho de uma solução que se encaixe nas necessidades do seu dia a dia operacional, até ações que apoiam seu fortalecimento nas comunidades locais.

Mais em www.metso.com/pt

















*à todas as mulheres
corajosas que
conheço!*

